

# ESTÉTICA: uma dimensão da competência em informação a ser percebida por bibliotecário de biblioteca pública

artigo de revisão

*Evandro Jair Duarte\**  
*Clarice Fortkamp Caldin\*\**

## RESUMO

A Sociedade da Informação exige do bibliotecário múltiplas competências, habilidades e atitudes para lidar com o vasto universo informacional e a relação com o interagente. Na troca de ideias e busca de soluções para problemas com o uso de informação a Biblioteca Pública é um espaço por excelência para a transformação social dos atores da sociedade. Cabe ao bibliotecário, como mediador dessa avalanche informacional, ser competente em informação e, dessa forma, auxiliar o interagente a utilizar recursos de informação para tomada de decisão. É sobre isso que versa o artigo: Competência em Informação (Colnfo), que se divide em quatro dimensões - técnica; estética; ética e política. A dimensão estética relaciona-se com a ciência do belo e com o despertar dos sentidos para perceber o Outro e sua necessidade. Este Outro é percebido pela visada fenomenológica, teoria adotada e inspirada em Maurice Merleau-Ponty, que entende o corpo como meio condutor dos efeitos dos sentidos. A pesquisa foi qualitativa, voltada para os fenômenos humanos e sua complexidade; de abordagem fenomenológica, pois estuda as essências das coisas; e bibliográfica, visto ter utilizado registros disponíveis em textos. O objetivo deste artigo é explorar o termo Estética e esclarecer o que é a Dimensão Estética da Colnfo.

**Palavras-chave:** Competência em Informação. Dimensão Estética. Bibliotecário. Biblioteca Pública.

\*Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Especialista em Gestão da Informação e Inovações Tecnológicas pela Universidade Internacional de Curitiba, Brasil.  
E-mail: dujaev@gmail.com.

\*\* Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.  
E-mail: claricecaldin@hotmail.com.

## I INTRODUÇÃO

**D**a crescente e volumosa publicação da escrita a informação se torna produto passível de comercialização. Há, então, a mudança de paradigma na sociedade que passa a ser Sociedade da Informação e, em decorrência disso, advém uma ciência para realizar estudos sobre o objeto informação, a Ciência da Informação. Le Coadic (2004) afirma que a partir das transformações na sociedade e na forma como a comunicação acontece, é importante saber lidar

com a informação e com as tecnologias; pois com as Tecnologias da Informação e Comunicação se pode agilizar os processos de geração, gestão e difusão das informações produzidas.

Na Sociedade da Informação e no campo da Ciência da Informação surge a necessidade profissional de compreender os fenômenos; verificar como tratar e representar a informação produzida em uma organização temática; disseminar a informação para os interagentes se apropriarem dos insumos de diversas áreas do conhecimento.

O interagente, segundo Corrêa (2014) é aquele que por meio do diálogo troca ideias e informações para solucionar problemas de busca e uso da informação. Essa interação está representada na conversa entre as partes envolvidas em que o respondente se torna um questionador para conhecer mais sobre o que é demandado. Tal configuração de interação favorece a troca entre as partes envolvidas com o intuito de, em uma construção coletiva, realizar intervenção e parceria na busca por informação considerada relevante. Em discussão aberta pode-se chegar aos objetivos criados e estabelecidos por cada interagente. Corrêa (2014) diz que o interagente é alguém que contribui para a transformação ao mesmo tempo que é transformado por meio do diálogo e negociação.

Múltiplas habilidades devem fazer parte do perfil profissional do bibliotecário, pois além de competências e atitudes para lidar com a informação em processos de organização, recuperação e disseminação da informação, precisa também desenvolver habilidades para o manuseio e uso de ferramentas tecnológicas e científicas. O desenvolvimento dessas práticas pode ocorrer em bibliotecas, arquivos e demais unidades de informação, em que os registros provenientes de pesquisas, relatos, entre outros resultados da ação e reflexão humana, são armazenados formando as coleções bibliográfica e documental. Estas podem ser obras utilizadas em pesquisas dos interagentes que demandam por informação para solucionar problemas.

As Bibliotecas Públicas devem promover interação, manifestações culturais e sociais, práticas de leitura e formação do cidadão; elas são criadas para apoiar a educação e permitir que o leitor tenha a oportunidade de desenvolver a reflexão e a criticidade (BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL), 2010).

Bibliotecas Públicas precisam ter bibliotecários com perfil de mediador da informação; tais profissionais necessitam também compreender “[...] o processo de aprendizagem baseada na busca e no uso da informação” (CAMPELLO, 2006, p. 68-69), para melhor atender às demandas de informação nos espaços das bibliotecas e ser especialistas no trabalho que realizam. Esse posicionamento demonstra o perfil e o comprometimento dos bibliotecários com os interagentes.

Bibliotecários precisam desenvolver de forma continuada a Competência em Informação, uma das possíveis traduções para o termo *Information Literacy* - (IL), que surge na década de 1970. Zurkosky (1974) menciona IL como a necessidade de utilizar recursos informacionais para resolver problemas e para as tomadas de decisão por meio do aprendizado de técnicas e habilidades necessárias ao lidar com a informação. Sobre isso, a *American Library Association* - ALA (1989) publica um documento com o conceito de competente em informação, que é o indivíduo capaz de desenvolver competências, habilidades e atitudes para fazer um trabalho decorrente do uso da informação e seus recursos.

A Competência em Informação é uma abordagem que pode ser analisada na manifestação do fazer biblioteconômico nas quatro dimensões que Rios (2010, p. 93) assim denomina: “[...] dimensão técnica, uma dimensão política, uma dimensão estética e uma dimensão moral [ética]”. Dessa forma, descrevemos as características das dimensões, que são:

- a) A *dimensão técnica* - aborda questões do saber fazer bem o que precisa ser feito pelo profissional;
- b) A *dimensão estética* - apresenta a sensibilidade e a consciência de ser sensível ao outro e a si mesmo; dimensão que envolve a sensibilidade do profissional e o agir humano, destaca o potencial criativo de cada um;
- c) A *dimensão ética* - trata de deixar claro o que pode ou não pode ser feito, o que deve ou não deve ser feito no agir profissional e humano; trata da convivência em sociedade e das regras necessárias à coletividade;
- d) A *dimensão política* - trata do trabalho desenvolvido pelo indivíduo para o coletivo, em que se observa o potencial do desenvolvimento técnico e criativo voltados para produtos e serviços à disposição do outro.

Importa conhecer a existência das quatro dimensões, e, também, entender que estão interligadas, não sendo possível dissociar uma da outra, para não ser perdido o potencial de alcance que o conjunto abarca. No entanto, ressalta-se que quando uma pesquisa procura

focar os olhares para determinados fins, justifica-se a necessidade de explorar uma das dimensões.

Esta pesquisa está centrada na Estética, uma dimensão da Filosofia em que a percepção e a sensibilidade no agir humano propiciam uma reflexão sobre as práticas profissionais. Outro aspecto importante deste trabalho está na visada fenomenológica, que possibilita a volta ao Ser, um retorno de atenção e cuidados para com as pessoas em situação.

Dito isso, uma vez que a Biblioteconomia é impregnada de técnicas, padrões e normas, a profissão do bibliotecário é permeada por atividade tecnicista. Este profissional é habilitado e capacitado para realizar a seleção, a aquisição, a organização e a disseminação da informação, o que exige a técnica. Entretanto, ressalta-se a necessidade do direcionamento da Estética para a atenção da relação entre profissional e comunidade interagente ser desenvolvida de forma aprazível. Pillotto (2006) declara que a interação pode ocorrer pelo modo como uma pessoa se coloca em contato com o outro por meio da percepção e da sensibilidade para interferir de modo direto ou indireto nas ações.

Blackburn (1997, p. 127) apresenta a Estética filosófica como “[...] o estudo dos sentimentos, conceitos e juízos resultantes de nossa apreciação das artes, ou da classe mais geral de objetos considerados tocantes, belos ou sublimes”. Abbagnano (1970, p. 348) conceitua estética como “[...] a ciência filosófica da arte e do belo”; este autor declara que se trata de “representações sensíveis do conhecimento” e que essa ciência pode ser tratada como “doutrina do conhecimento sensível”.

Assim sendo, a ação do bibliotecário em atividade requer dele o conhecimento técnico permeado pela ética, política e estética. Ousa-se dizer que se chega perto da sensibilidade necessária para o profissional conseguir se envolver com o desenvolvimento da Competência em Informação (CoInfo).

Na busca por teoria que possa orientar esta investigação pode-se mencionar Merleau-Ponty, filósofo que se debruçou sobre a fenomenologia. Por esta razão é que ele foi eleito para dar fundamentação teórica para a pesquisa. Em seus estudos, ele leva a fenomenologia para a dimensão da percepção e das vivências dos sujeitos que estão no mundo, da experiência humana que vive e pensa. Matthews (2010)

interpreta que Merleau-Ponty defende a fenomenologia como a oportunidade de perceber as “coisas” como elas são em sua essência primeira, como elas surgem e aparecem no mundo, como elas são dadas aos que estão no mundo, sem conceitos previamente estabelecidos. O filósofo francês está preocupado em conduzir os indivíduos ao exercício fenomenológico de reaprender a olhar o mundo em que se vive - uma prática que permite mudar a maneira como veem o mundo, por meio de perspectivas e perfis diferentes.

Como a percepção necessita dos sentidos humanos, em Merleau-Ponty emprega-se o corpo como o meio para conduzir os efeitos dos sentimentos e das sensações percebidas pela experiência, fato este a ser comprovado quando ele afirma que “[...] a percepção influi nas relações entre mim, enquanto tenho um corpo, e o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291). Nesse ponto é que se pode fazer a relação entre fenomenologia e estética filosófica, quando o filósofo advoga que “[...] na percepção meu corpo representa o papel de mediador absoluto [...]” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291).

Assim, no corpo se tem condições de perceber as “coisas mesmas” por meio das sensações que tocam o indivíduo. A estética está no âmbito da percepção, no poder de perceber está o sensível, ou seja, para Merleau-Ponty “[...] a experiência sensível é a base de toda experiência estética e a condição da própria experiência artística” (VALVERDE, 2008, p. 168).

Diante do exposto, pode-se mencionar que o bibliotecário ao se deparar com os argumentos da estética, integra às suas competências, habilidades e atitudes, uma dimensão em que há a necessidade de envolvimento com o interagente - este ator da sociedade que se encontra no fim da execução das atividades do bibliotecário.

Apresentado um breve panorama referente à Sociedade da Informação, Biblioteca Pública e bibliotecário, CoInfo, Fenomenologia e Dimensões da CoInfo, se faz necessário ir mais fundo na investigação sobre a Estética. Porém, é fundamental esclarecer que esta pesquisa é do tipo qualitativa, a qual Marconi e Lakatos (2011) e Minayo (2012) mencionam ser voltada para o estudo de um conjunto de fenômenos humanos; ou da complexidade do comportamento humano. Os indivíduos podem expor seus significados referentes a um problema social ou humano e

ser analisado (CRESWELL, 2010). Ela é também fenomenológica; Josgrilberg (2004, p. 33) cita que “[...] os sentidos mais fundamentais das coisas e da própria existência só são dados pela existência enquanto ser no mundo com os outros”. Ainda é uma pesquisa bibliográfica, ou seja, aquela que utiliza registros disponíveis em textos de livros, artigos, entre outros, para buscar teorias e conceitos e fundamentar a pesquisa e aprofundar a investigação (GIL, 2002; SEVERINO, 2007; OLIVEIRA, 2010; MARCONI, LAKATOS, 2011). O objetivo deste artigo é explorar o termo Estética e esclarecer o que é a Dimensão Estética da CoInfo.

Dito que este trabalho menciona a fenomenologia como aporte teórico e esta teoria nos permite ter o uso da escrita criativa e descritiva empregada em primeira pessoa, nós, autores desta pesquisa, pedimos licença para escrever em primeira pessoa do plural, deste ponto em diante. Assim, incorremos na permanência da cientificidade do texto.

## 2 DIMENSÃO ESTÉTICA DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Nesta dimensão constam algumas expressões que se destacam, como: dimensão da existência do agir humano; a percepção sensível da realidade; a presença da sensibilidade; a presença da beleza; a sensibilidade e a beleza que constituem o saber e o fazer profissional; apreensão consciente da realidade; intelectualidade; potencial criador; afetividade do indivíduo. “A estética é, em primeiro lugar, um ramo da filosofia, exatamente como a ética o é em alguns sistemas de disciplinas atuais” (HERWITZ, 2010, p. 9).

É na palavra grega *aisthetiké* ou *aesthesis* que podemos encontrar a indicação da estética, de acordo com Rios (2010), relacionando-se com a percepção sensível da realidade. Este termo pode assumir o significado de percepção e sensação, segundo análise de Vitorino e Piantola (2011, p. 103). Já Barros (2012) menciona *aisthesis* e relaciona o termo grego à percepção, sensação, sentimento e estética. “Em sua origem, o termo estética vem da palavra grega *aisthetiké*, que se refere a tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos” (COTRIM, 2006, p. 287).

Na filosofia o termo: “estética” é, geralmente, aplicado para os estudos da arte

e na ciência do belo. “Foi, no entanto, o alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) quem talvez utilizou o termo estética pela primeira vez no sentido de teoria do belo e das suas manifestações através da arte”. A teoria do belo propõe estudar a estética como conhecimento apreendido pelos sentidos humanos (COTRIM, 2006, p. 287), que para Pillotto (2006, p. 19) é conhecimento sensível em que há “[...] a possibilidade de conhecer mediante as sensações e os sentidos”.

A Estética relaciona-se com o belo e com a arte em variadas modalidades e pontos de vista, ela reúne o que é atrativo para nossos sentidos, o que nos atrai pela visão e audição, bem como está em ocupação de nossa imaginação e fantasia, ela contribui para nutrir nosso intelecto e comove a vontade (PAULI, [s.d.], p. 11).

De volta ao belo, questionamos: mas, o que é mesmo o belo? Mesmo não tendo o objetivo de investigar as respostas a esta pergunta, por considerarmos o que Platão (1980) afirmou em sua incursão sobre o tema: “o belo é difícil, complexo”, consideramos que é importante trazer algumas reflexões feitas sobre o assunto sem pretender chegar a um ponto final.

Em sua obra “*Hípias Maior*” Platão (1980) nos leva a uma conversa entre o filósofo Sócrates e Hípias. Na tentativa de refletir e definir o que é belo eles chegam a algumas conclusões: 1ª tentativa de definição: o belo é o ouro, o belo é uma bela virgem; 2ª tentativa de definição: o ouro é embelezador, a colher de ouro é o belo; 3ª tentativa de definição: a riqueza é bela (pois traz consigo a magnificência, honraria, glória, plenitude de vida física e social e o heroísmo); 4ª tentativa de definição: o belo é conveniente (é e parece ser; é e não parece ser; parece ser e não é; não parece ser e não é); 5ª tentativa de definição: o belo é o útil (quando serve a um fim ou uma circunstância; quando a capacidade e o poder de realizar algo é útil; o poder e a capacidade são belos; exercer o poder e a política é algo belo; a força é bela; a ciência é bela; ser eficaz é útil; ser vantajoso é útil); 6ª tentativa de definição: belos são os prazeres provenientes do ouvido e da vista (têm em comum só o prazer). Por haver tantas definições possíveis sobre o belo é que Platão (1980) chega à conclusão de que o belo é difícil, é algo complexo.

Com relação à 6ª tentativa de definição do que poderia ser o belo na conversa de Sócrates e Hípias, Lemos (2007/8, p. 94) menciona que “[...]”

vemos o bem metamorfoseado em *agradável*: belo é o que agrada ao sentido da vista e do ouvido”. De acordo com a interpretação de Lemos (2007/8, p. 107), o belo é “[...] fruto de uma visão ou intuição, proporcionada pelo conhecimento sensível, do ouvido ou da vista exclusivamente”. No entender desse autor, “[...] o sabor, o tato, o olfato não são sentidos nem muito cognitivos nem estéticos; eles percebem o agradável, não o belo” (LEMOS, 2007/8, p. 107).

Durante a conversa do sofista com o filósofo, encontramos um ponto de convergência que é o *agradável* aliado ao efeito produzido nos humanos por essa sensação de bem-estar. Perceba que “No diálogo, as definições, todas elas, são dadas pelos efeitos do belo, por tudo aquilo que o belo causa ou produz ou irradia, deixando de lado o seu constitutivo formal intrínseco ou a intuição de sua essência” (LEMOS, 2007/8, p. 95).

Belo para Lemos (2007/8, p. 109) é “[...] fruto de uma apreensão direta, imediata, sensível e intuitiva de um indivíduo concreto e unitário [...]”, tem uma relação do sentido humano com a coisa percebida. Pode ser tudo o que gosto ao ver ou ouvir e tem ligação com o “[...] puro prazer da intuição auditiva ou visiva [...]”. Um objeto será belo para nós quando percebermos que nos dá prazer em conhecer. Não há relação com desejo ou vantagem material. O que fica é o amor, a forma e a natureza, “[...] sem nenhum encaminhamento prático ou transcendente ao contemplado”. Essa definição é mencionada por Platão (1980) ao descrever o diálogo entre Sócrates e Hípias com relação à 6ª definição. O visível e o audível é o que pode nos permitir decidir o que é belo diante do que nos é “agradável” ou “simpático”.

Em Lemos (2007/8, p. 94) está a informação de que “Não é somente de ordem sensível o prazer estético; está situado também para além do sensível, no domínio do inteligível, atingindo o reino das idéias (*sic*) e do ético. É um prazer sensível que se metamorfoseia ou se transforma em alegria”. O belo se constitui de muitas faces (LEMOS, 2007/8).

Plotino (2012) faz uma releitura de Platão e diz que o belo tem ligação com a percepção e os sentidos humanos, ao interpretar o texto de “Hípias Maior” de Platão (1980). Plotino (2012) vai um pouco além e menciona a visão, a audição

e associa a percepção pelo o que é sentido por sensações. A esse respeito, o filósofo menciona que:

Quase sempre percebemos o belo com a vista. Com o ouvido também percebemos na combinação de palavras e em toda classe de música, porque as melodias e os ritmos são belos. E se nos elevamos a um plano superior à sensação encontramos hábitos, ações, caracteres e até ciências e virtudes belas (PLOTINO, 2012, p. 48).

Essa relação do belo ser percebido pela visão e audição contribui para a sensação do agradável e apazível aos indivíduos. Mas Plotino (2012) não menciona apenas isso, ele informa acerca da elevação do termo para a sensação que nos permite sentir e perceber hábitos, ações, características, ciências e virtudes que podem ser consideradas belas.

Sobre o que pode ser belo, Plotino (2012, grifo nosso) refere-se à *simetria* para justificar a beleza vista nas proporções dos corpos humanos. Assim, ele considera que é preciso analisar as partes que compõem o todo para que ao perceber a “[...] simetria das partes entre si e em relação ao todo [...]” pode ser possível chegar ao consenso de que “[...] ser belo é ser simétrico e proporcionado” (PLOTINO, 2012, p. 48).

Além do uso da visão e da audição para tentar identificar e definir o que é belo, bem como da sensação que nos conduz ao sentir e perceber coisas, e da simetria mencionada por Plotino (2012), “Deve-se estabelecer desde um princípio que o belo é também o bem; desse bem, a inteligência tira imediatamente sua beleza, e a alma é bela pela inteligência; as outras belezas, a das ações e a das ocupações, provêm de que a alma lhes imprime sua forma” (PLOTINO, 2012, p. 55, grifo nosso).

Esse modo de pensar o belo é que iremos tirar como ponto de partida para discuti-lo na Dimensão Estética da CoInfo. Nas ocupações profissionais podemos visualizar o belo e as obras delas decorrentes. Plotino (2012, p. 57, grifo nosso) diz: “É necessário acostumar a própria alma a ver primeiro as ocupações belas; depois as obras belas, não as que executam as artes, e sim as dos homens de bem”.

Não é nosso objetivo nos debruçarmos na laboriosa atividade de definir o que é o belo, não é nosso intuito promover um debate aprofundado

sobre o tema. Apenas nos interessa trazer à tona o que pode ser esse belo e quais olhares existem sobre esse tema. Em Dufrenne (2008, p. 24) lê-se “O belo é um valor entre outros e abre caminho aos outros”. O que nos faz refletir e pensar que o esforço sobre este tema é grandioso e exaustivo, necessitando de um exercício contínuo. Dufrenne (2008, p. 25, grifo nosso) defende que “O belo é esse valor que é experimentado nas coisas, bastando que *apareça*, na gratuidade exuberante das imagens, quando a percepção cessa de ser uma resposta prática ou quando a *práxis* cessa de ser utilitária”.

Dessa maneira, destacamos Plotino (2012, p. 57), que deixa a contribuição para o caminho a seguir em busca da Dimensão Estética da CoInfo, ao mencionar que “[...] é necessário ver a alma daqueles que realizam as obras belas”. Abbagnano (1970, p. 101) sinaliza o belo “[...] como manifestação do bem; [...] como manifestação da verdade; [...] como simetria; [...] como perfeição sensível; [...] como perfeição expressiva”.

Como uma das possíveis traduções da palavra grega *aisthesis* pode-se entender Estética como “doutrina do conhecimento sensível” para a percepção sensível da realidade (ABBAGNANO, 1970); evocamos as ideias de Baumgarten (2012, p. 70) para essa reflexão de que a Estética é “[...] arte de pensar de modo belo, como arte do *análogon* da razão [...] é a ciência do conhecimento sensitivo”. Assim, tentamos apreender a realidade de modo belo, por meio da sensibilidade.

A Estética é vista como a arte do belo, o que nos faz, conjuntamente, com o pensamento de Vitorino e Piantola (2011) analisar a dimensão estética envolta em arte, como a dimensão da vida, revestida de sentimentos e percepções pessoais. Segundo essas duas autoras “Por meio da sensibilidade e da criatividade demandadas pela arte, o homem sempre buscou atingir ideais de harmonia e beleza essenciais ao bem viver” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 103). O sentimento pode ser compreendido como a forma de perceber, apreender o “estar no mundo”, tem ligação com a emoção no processo de se relacionar com o mundo, e a percepção tem referência na primeira impressão que o indivíduo tem do mundo com embasamento histórico e no contexto ao qual ele está inserido (PILLOTTO, 2006).

Baumgarten (2012, p. 70) informa que dentre a possibilidade da aplicação estética está a tentativa de “[...] adaptar cientificamente os conhecimentos à capacidade de compreensão de qualquer pessoa”, na arte de bem viver. Nesse movimento de adaptação, podemos perceber o uso da criatividade humana para trazer ao público os conhecimentos existentes por meio de outros produtos de informação, mais voltado aos interagentes. Nesse tratamento com a informação há sensibilidade profissional, por meio da percepção diante da necessidade de adaptação de conteúdo, em uma ação contínua de exercício estético.

A Estética exige a elegância nos argumentos; por esta óptica, quando a percepção é uma causa determinante, ela se torna um argumento. Para melhorar o argumento, precisamos ter em nosso caráter o exercício prático com ações em conformidade com talento e índole e certo consenso entre eles. No exercício estético a aquisição do hábito de pensar com beleza é um processo gradativo, alcançado pela repetição frequente das ações necessárias para isso (BAUMGARTEN, 2012). Sobre argumentos, Merleau-Ponty (2002, p. 23) menciona que “Expressar não é então nada mais do que substituir uma percepção ou uma idéia (*sic*) por um sinal convencional que a anuncia, evoca ou abrevia”.

Pela prática de explicar, revelar e manifestar o indivíduo pode desenvolver a habilidade de repassar o que pensa e demonstrar o seu talento enquanto profissional agindo e expressando-se de modo belo e agindo com beleza; assim, estará em um exercício estético em constante crescimento permeado pela Estética nas práticas vivenciais. No entanto, Baumgarten (2012, p. 83) chama atenção para que “Se o talento for cultivado por meio de exercícios sem vida e sem força, a índole será totalmente negligenciada ou totalmente corrompida e degradada [...]”; aqui o filósofo analisa a experiência vivida como estética. O indivíduo vive para jogar um jogo em que todos querem ganhar.

A esse respeito, Herwitz (2010, p. 30) declara que “Apenas quando a experiência é entendida como sensível, em e por si mesma, e à parte de todo conhecimento, pode a meta de defini-la tornar-se possível”. A experiência sensível da beleza compõe a percepção, a faculdade formadora, a faculdade imaginativa

e a faculdade cognitiva do objeto (HERWITZ, 2010). Então, quando o indivíduo joga com sensibilidade, atinge o objetivo de marcar ponto com as estratégias adotadas; dentre elas o exercício de perceber é fundamental para formar e imaginar meios para conquistar a vitória para coletividade.

Ousamos declarar que o belo pode estar na conquista e esta faz bem aos conquistadores. Para alguns filósofos a beleza pode estar no agradável; Dufrenne (2008, p. 35) afirma que “[...] o belo é um atributo [...]” e ele agrada. Assim, quando declaramos que algo é belo, estamos nos referindo aos seus atributos, o que é um juízo de valor relacionado ao objeto e à qualidade dada a ele. Dufrenne (2008) se refere a esse ajuizamento como sendo a contemplação estética de um objeto.

Diante desse contexto, afirmamos com Pillotto (2006, p. 22) quando da comparação das relações estéticas na sociedade e no coletivo social como sendo um jogo social ou “O jogo estético, do qual muitos teóricos ainda fazem menção nos dias atuais, está também nas ações cotidianas, na relação que é construída com os objetos, com as pessoas, com a natureza e com o contexto cultural”.

Desenvolver Estética nas práticas profissionais pode ser visto como uma ação que exige a realização de uma obra a ser deixada para outros experimentarem. A esse respeito, Cortella (2007, p. 16) afirma que “Temos carência profunda e necessidade urgente de a vida ser muito mais a realização de uma obra do que de um fardo que se carrega no dia a dia”. E Baumgarten (2012, p. 83) menciona o exercício prático negligenciado como algo pobre de espírito e afirma: “Então, quando a pobreza, e a vulgaridade do espírito transparecer, ela deturpará tudo aquilo que parecia pensado com graça e elegância”.

Na graça e elegância é possível encontrar a Estética; por meio da prática do exercício estético o indivíduo pode se habilitar para a boa índole em busca da aquisição do hábito de pensar e agir com beleza.

Podemos aprender para agir e a fazer coisas consideradas belas e estéticas, mas para o correto exercício estético, nós precisamos aliar o que detemos em conhecimento quanto ao hábito de pensar as coisas com beleza, agir com beleza ao exercitar de modo a aprimorar os conhecimentos (BAUMGARTEN, 2012).

É natural procurar um padrão estabelecido para determinar o gosto, uma regra de conciliação para as opiniões humanas, uma busca por consenso estabelecido para aprovar ou desaprovar opiniões. Uma tarefa muito difícil e complexa, como mencionou Platão (1980) ao se referir ao belo.

Gosto e belo estão muito próximos e eles estão associados ao fato de produzir ou não prazer, de ser agradável ou não aos indivíduos, chega a ser impossível a tentativa de agradar a todos de igual modo (HUME, 2012). No tocante a esse assunto, ele menciona: “Uma razão evidente pela qual muitos indivíduos não experimentam o sentimento de beleza adequado é a ausência daquela *delicadeza* da imaginação necessária para alguém ser sensível às emoções mais sutis (HUME, 2012, p. 99, grifo do autor).

Gostar ou não gostar tem estabelecimento em processos subjetivos no indivíduo, não é assunto fácil de ser determinado e preciso. A respeito desse sentimento do indivíduo diante de algo considerado belo, Barros (2012) comunica que a beleza está naquilo que o sujeito sente e no que se passa com ele, dessa forma, ela é subjetiva, o que faz pensar que o belo em uma obra (qualquer) é algo subjetivo, nessa subjetividade temos atribuída nossa competência para decidir sobre o belo.

A prática é um caminho para que o indivíduo possa tentar promover a “[...] apreciação de qualquer trabalho [...]”, informa Hume (2012, p. 102). Segundo ele: “Tão importante é a prática para o discernimento da beleza que, para sermos capazes de julgar qualquer obra importante, é necessário examinarmos mais de uma vez cada produção individual, estudando os seus diversos aspectos com a máxima atenção e deliberação” (HUME, 2012, p. 102).

Ao observarmos algo belo com o intuito de emitirmos uma opinião sobre ele, é necessário percebermos o objeto pelos seus vários ângulos e perfis para verificarmos a beleza atribuída a ele. “Perceber algo implica, antes de mais nada, distinguir algo” (BARROS, 2012, p. 57).

Platão argumentava que os sentidos humanos podem iludir e confundir a mente; ele desconfiava da percepção por meio do uso dos sentidos; afirmava que os sentidos distorciam a percepção da realidade que está em volta do homem. Aristóteles preferia explicar como

percebe o mundo pelo uso de argumentos lógicos e pragmáticos com base nos sentidos e não em conceitos e ideias abstratas. Em Aristóteles o ideal é ver e perceber por meio dos sentidos humanos (ZINGANO, 2002).

Assim, observação e percepção marcam a distinção entre uma coisa que é vista por meio da subjetividade de cada indivíduo e da representação que ele dá a ela, Kant (2012) revela que a representação facultada à imaginação do sujeito e do sentimento de prazer ou desprazer que ele sente é que pode distinguir algo belo do não belo; menciona que o juízo do gosto é estético, pois o fundamento que determina o gosto é subjetivo e na subjetividade há estética; quando o sujeito se refere ao sentimento de prazer e à falta de prazer, está relacionando sujeito e a forma como ele é afetado pela sensação do experimentado. Barros (2012, p. 62) explica que para Kant, o belo e aquilo que apraz sem interesse; o filósofo expõe “[...] a ideia de que o sentimento de prazer constitui algo já de si subjetivo”.

Há de se tomar precaução com o dito acima, pois se mencionarmos que a “A beleza é, por isso, nada mais que aquilo que acontece no olho do espectador” (HERWITZ, 2010, p. 32), podemos chegar à discussão do seguinte ponto de vista: um acidente em que os corpos mutilados estão expostos pode ser considerado belo aos olhos de outro espectador (HERWITZ, 2010). Diante dessa afirmação, perguntamos: e agora? Quando o indivíduo busca a representação de algo belo, tem meios para encontrar a simples contemplação (intuição ou reflexão) da “coisa”, do que ela representa para ele, por meio de sua apreensão, seus sentimentos, seus sentidos (KANT, 2012). O que uma pessoa pode gostar ou não envolve beleza. No entanto, abrange a deformidade também, assim como a paixão, a prosperidade ou até mesmo a adversidade. Parece que o efeito que os sentimentos provocam são os mesmos (HERWITZ, 2010, p. 46).

Sobre o termo “reflexão”, Barros (2012) informa ser o que “[...] equivale à volta do pensamento sobre si mesmo, momento em que, ao separar os objetos de suas respectivas intuições, o ser humano põe-se em contradição com o mundo exterior, dando ‘o primeiro passo em direção à filosofia’ [...]” (BARROS, 2012, p. 17).

Na filosofia, encontramos a prática da reflexão sobre os objetos a serem percebidos, analisados, estudados para chegar a determinados fins. A esse respeito, Rios (2010) ao analisar a Estética no campo da Filosofia, procura encontrar um olhar sem aprofundamentos do que seja esse termo em sua essência; ela busca a presença da sensibilidade e da beleza para esclarecer aquilo que constitui o saber e o fazer profissional.

Para perceber algo é preciso estar sensível ao mundo e às demais coisas nele. Ter sensibilidade contribui para perceber que o espetáculo resultante de uma obra esteja apresentado no que é invisível aos olhos humanos, passando a ser sentido por homens, nisto está o “belo em si”, pois se diz que é pela sensibilidade que o pensamento alcança a estética (BARROS, 2012).

A respeito de percepção de mundo, Merleau-Ponty (2003, p. 20-21) considera que “[...] meu corpo não percebe, mas está como que construído em torno da percepção que se patenteia através dele: por todo seu arranjo interno, por seus circuitos sensorio-motores, pelas vias de retorno que controlam e relançam os movimentos [...]”. Dessa feita, o indivíduo, estando no mundo, tem condições de ter seus estímulos sensoriais aguçados para sentir com todo seu corpo. Merleau-Ponty (2003, p. 38) ainda declara que “Um mundo percebido, certamente, não apareceria a um homem se não se dessem condições para isso em seu corpo: mas não são elas que o explicam”.

É o homem que usa os seus sentidos para perceber o que está ao seu redor, “Pela conversão reflexionante, perceber e imaginar nada mais são do que duas maneiras de pensar” (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 38), assim o ser humano tem possibilidades de encontrar nos ambientes de vivências as diversas possibilidades de interação com seu igual, o semelhante, o outro. Em experimentação da convivência e pelo diálogo, há condições de encontrar aquilo que de primeiro momento estava invisível; este não visível pode ser o centro da necessidade que o seu próximo tem de resolver um problema de ordem qualquer e tomada de decisão.

Barros (2012, p. 24) possibilita refletir acerca da interação em ambientes diversos, no transcorrer da vida humana. Segundo ele:

Ao percebermos o mundo, não somos apenas afetados pelas coisas que vemos e escutamos, senão que também participamos, inventivamente, de seus efeitos sobre nós. E, no fundo, o resultado a que somos levados é o de que a ponderação estética exige, como condição de compreensibilidade, um discurso mais autônomo, capaz de descrever e explorar as profundezas criativas da sensorialidade. (BARROS, 2012, p. 24)

As pessoas podem ser sensíveis e se envolverem com o problema do outro; nesse movimento de interação elas estão sendo envolvidas pela estética. Indivíduos que agem técnica, ética e politicamente para construir o bem comum são os responsáveis por promover a cidadania, autonomia e criatividade, e, conseqüentemente, transitam pela dimensão estética do seu saber e fazer profissional. Rios (2010, p. 97) aponta a importância de se “[...] reconhecer a necessidade de jogar luz sobre a dimensão estética, desde sempre presente, mas não explorada da mesma maneira como se tem feito com as demais dimensões” (RIOS, 2010, p. 97).

Relembrando: as outras dimensões, que não a estética, são: técnica, ética e política. Estas podem ser estudadas em separado, mas estão ligadas umas às outras, apesar de uma ou outra dimensão ser mais destacada e reconhecida no cotidiano da sociedade, o que não é recorrente com a estética.

Quando Baumgarten (2012) menciona que o exercício estético (exercício prático) realizado com pobreza de espírito nos leva a uma deturpação da elegância e do belo em si, ele nos instiga a pensar na tragédia. Para Barros (2012, p. 43, grifo do autor), “À tragédia cabe ainda suscitar, no espectador, o medo e a compaixão, ‘purificando’ seu ânimo dessas mesmas paixões”. Assim, podemos fazer uma reflexão e tentarmos comparar a catarse da tragédia com a empatia, a identificação do profissional na execução de suas atividades de prestação de serviço à comunidade, quando ele tenta se colocar no lugar do outro e procura perceber quais são as dificuldades encontradas por esse indivíduo na atividade de busca e uso de informações.

A tragédia vista dessa forma pode ser considerada como a imitação “[...] de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a

infelicidade resulta também da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir [...]” (ARISTÓTELES, 2011, p. 36). Nessa referência à imitação constante na tragédia, o indivíduo percebe que ela está associada à “[...] uma ação e é sobretudo por meio da ação que ela imita as personagens que agem” (ARISTÓTELES, 2011, p. 37). Dessa feita, o indivíduo pode comparar a imitação com a tentativa empática do indivíduo que se coloca no lugar do outro para sentir as dificuldades que esse outro sentiu e juntos buscam por uma solução. Nessa ação de empatia, há estética apresentada pelo agir humano.

Barros (2012, p. 54) declara que no âmbito estético “Basta, digamos, que nos deixemos impressionar sensivelmente”, assim uma pessoa consegue agir de maneira tal que o outro que com ela vive e participa na sociedade possa ser atingido e beneficiado por condições que regem o bem-estar coletivo.

De acordo com as ideias de Merleau-Ponty (2002, p. 180) no tocante a cada um ser em si mesmo a totalidade do mundo, o filósofo declara que eu sou o outro do outro. Essa decorrência se dá quando a totalidade [...] nos transforma no outro, e ele em nós [...], pensando dessa forma, todos são beneficiados pela estética e nas práticas decorrentes dessa dimensão, uma vez que o outro é atingido e eu sou o outro do outro. Assim, eu também sou atingido, ou seja, todos são atingidos.

Barros (2012, p. 99) utiliza as ideias de Schopenhauer para declarar a necessidade de observação e percepção do trabalho contínuo de uma pessoa na constituição da obra a ser deixada. Veja:

O ser humano, porém, não dá mostras de si mesmo apenas num único momento. Tampouco nos exprimimos somente por meio de nossa figura e mediante a expressão de nosso rosto. Também nossas ações são significativas, prestando um valioso testemunho de nossa personalidade. Por isso, reproduzir a beleza humana na série contínua de suas aspirações e de suas ações corresponderia a uma capacidade artística ainda mais elevada. (BARROS, 2012, p.99)

É aí que se encontra a Dimensão Estética de Competência em Informação, na ação

humana em exercício pleno de suas funções para a sociedade. Por meio da estética, um serviço é marcado como qualitativo ao torná-lo significativo para quem se beneficia dele. Cortella (2007) ressalta a importância de o desenvolvimento das aspirações para o homem deixar uma obra no mundo e refletir sobre que tipo de obra deseja deixar. E Dufrenne (2008, p. 25) afirma: “Se o homem na experiência estética, não realiza necessariamente sua vocação, ao menos manifesta melhor sua condição: essa experiência revela sua relação mais profunda e mais estreita com o mundo”.

Importa lembrarmos que na estética filosófica há a presença da imaginação, criatividade e originalidade em seus desdobramentos. Dessa feita, abarcamos, ainda, a crítica, o que nos leva a pensar que o esteta usa da criticidade para com a obra; ele procura promover visão das coisas sob novas perspectivas, além de contribuir para a transformação do mundo (BARROS, 2012).

A estética permite inovar e ir além do que a técnica propõe para uma atividade. A ação executada e colocada dentro de padrões e de regras técnicas é transformada em rotina e não permite novas possibilidades. Contudo, a técnica aliada à estética, ética e à realização política profissional permite que o sujeito entre em ação para criar e possibilitar novas maneiras de disponibilizar produtos e serviços.

Da possibilidade de criar, imaginar e ser original provém a condição para trazer destaque à Dimensão Estética da Competência em Informação; por meio de uma ideia originada nos escritos de Kant e manifesta por Barros (2012, p. 71), que é a seguinte: “A obra genial não é uma cópia, mas um produto original, ou, mais precisamente, uma ideia estética” (BARROS, 2012, p. 71).

Frente à percepção estética estão a reflexão sobre o futuro e o uso de potencialidades humanas para se preparar e agir mais à frente. O belo presente na dimensão estética é dotado de estímulos que inspiram, mobilizam a alma humana para, então, torná-la disponível. O exercício técnico é repleto de regras que forcem uma ação, mas não a inspira; já uma ideia bela é capaz de seduzir. Trazer à tona que um objeto é belo é dizer que ele realiza o seu propósito de ser e existir, que é sensível e significativa e seu valor está na vocação que tem (DUFRENNE, 2008).

Pela mente imaginativa e criativa o profissional cria condições em seu ambiente de trabalho, em um contexto em que o “Criar é um modo eminente de realizar o destino da subjetividade: ser necessário ao mundo sendo necessitado por ele” (DUFRENNE, 2008, p. 56). Novas formas de fazer profissional podem ser necessárias quando aqueles que são beneficiados pelas ações são beneficiados, até eles são levados ao que precisam por meio de novos recursos para atender as necessidades demandadas. É como uma obra que existe para alguém reconhecer, apreciar, perceber, ela é um objeto a ser percebido. No mundo, esse objeto *está ali*, antes de qualquer coisa, para ser reconhecido e, posteriormente, deslumbrado por nós (DUFRENNE, 2008, grifo nosso).

Nisso tudo que foi citado anteriormente há presença da estética. A respeito de mundo e sujeito, Merleau-Ponty (1990, p. 291-292) cita que:

[...] toda localização dos objetos no mundo pressupõe minha localização; num sentido, o objeto da percepção não cessa de nos falar do homem; é nossa expressão como sujeitos encarnados. O objeto já está diante de nós como um outro; ajuda-nos, por isso, a compreender como pode existir percepção do outro. (MERLEAU-PONTY, 2008, p.291-292)

Na obra deixada a outros com o intuito de utilizarem e interagirem com ela, pode ser encontrado o modo de ver o mundo do sujeito criador. Nela está marcada a expressão de pensamento dele. O mundo não é algo possuído, nele estão os pensamentos e as percepções pessoais explícitas como algo natural (MERLEAU-PONTY, 1990).

Dufrenne (2008) declara que a obra de um sujeito demonstra o seu mundo e que por estar no mundo é possível afirmar que ele faz parte desse mundo. Para Merleau-Ponty (1990, p. 289), “[...] é no mundo que podemos ter alguma possibilidade de encontrar uma experiência do outro”. No mundo de compartilhamentos e interação está a oportunidade de um indivíduo deixar a sua obra para o outro que está ali com ele. Dessa feita, é que a interação permite a experiência e a vivência no coletivo.

Esse outro é para quem a sua obra deve ser pensada e criada; a ele fica a tarefa de percebê-la e usufruir dela. É para ele que ela foi criada;

o público dá à obra o valor devido por meio da admiração, pois o objeto da estética só pode ser concretizado pela percepção do atento. Este objeto estético precisa ter um espectador para surgir ou aparecer (DUFRENNE, 2008).

Pela estética, o sujeito pode ter “[...] um sentimento da importância das ideias em seu contexto” (HERWITZ, 2010, p. 17), ele percebe o entorno para saber que seu olhar necessita ser direcionado e que é necessário apreender o ambiente de vivência de cada um e a própria experiência de viver nesse espaço do contexto social.

No tocante a posicionamento no mundo, um indivíduo pode estar em um contexto social e ponderar suas crenças quando o mundo por ele habitado é diferente do outro que está em situação adversa. Assim sendo, ousamos dizer que as experiências não são as mesmas de grupo para grupo, elas precisam ser contextualizadas para que na Estética desponham seu verdadeiro valor.

Como bem diz Herwitz (2010, p. 31) quando o assunto é cuidado com as ações, com o que as pessoas pensam e criam, ou até mesmo defendem, com a afirmação de que gostam ou não – estão se referindo à estética. Então, analisando o que os indivíduos afirmam gostar ou não gostar em uma obra deixada (por obra entende-se qualquer ação humana que elabore um produto a ser apreciado ou não), pode ser declarado que o gosto que ele tem é o ponto de vista dele sobre aquilo que o satisfaz.

O indivíduo que experimenta pode convidar o outro para experimentar o seu gosto e esperar que esse outro seja atingido da mesma forma “agradável” como ele foi tocado. No entanto, se o contrário ocorrer, ele não pode impor o seu gosto ao outro. Agindo assim, será possível deixar com que apareça a estética, uma vez que o juízo estético é desinteressado (HERWITZ, 2010).

Esclarecendo: eu posso estar falando de um lugar que o outro ainda não esteve e forçá-lo a sentir e ser atingido por aquilo que já me tocou, isso é contra a estética e o desinteresse que ela propõe. Sobre isso, Herwitz (2010, p. 68) assevera que “O desinteresse não significa falta de foco ou de absorção, consiste na capacidade de deixar de lado os próprios interesses e obter um prazer especial em um objeto independente de todos os interesses que possam existir em relação a ele”.

Nesse contexto, compreendemos que ao permitir ser tocado e afetado de modo ainda não experimentado e novo, uma obra poderá ser considerada bela na medida em que ela conseguir me afetar.

Em busca da contribuição da dimensão estética para as práticas humanas ou profissionais em uma sociedade, podemos citar a ideia de Hegel, empregada por Herwitz (2010, p. 90) quando destaca que todos buscam uma meta geral, esta é a conquista e criação de um mundo em que se pode ser livre e a emancipação humana seja algo possível de ser concretizado; uma construção conjunta e consciente do que se deseja para tornar o mundo o “nosso mundo”, algo coletivo, para habilitar a “nossa emancipação e o nosso devir”.

Merleau-Ponty descreve a estética como aquela que nos dota do poder de perceber; trata-se do elo entre a técnica do artista e a expectativa do público. Dessa forma, ela pode ser expressa no ato criador em direção àquele que terá suas sensações afetadas, bem como os sentidos e os sentimentos. Na experiência estética o sensível sente e é afetado por algo estético (VALVERDE, 2008).

Em complemento a essa ideia de experiência estética, Dufrenne (2008, p. 91) refere-se a ela como “[...] a experiência da realidade de um objeto que exige que nele eu esteja presente para ser” (DUFRENNE, 2008, p. 91). Na estética, a subjetividade possui elementos que possibilitam uma tentativa de aproximar a investigação estética e o campo do conhecimento (BARROS, 2012). Dessa feita, Dufrenne (2008) considera que a estética fará a mediação da experiência original, o pensamento e a consciência à origem das coisas.

No tocante ao retorno às origens das coisas ou “às coisas mesmas”, evocamos Merleau-Ponty (2011, p. 20); em seus escritos ele descreve “A fenomenologia, enquanto revelação do mundo, repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma”, para tanto, ela permite a descrição do mundo dos vividos tal qual os indivíduos vivem, percebem e sentem, a experiência como ela é, sem análises psicológicas ou explicações de causas.

Nesse contexto, Ostrower (2010, p. 12) revela que “[...] a percepção é a elaboração mental das sensações” e por elas é que sou tocado e me relaciono com as necessidades dos outros. A percepção refere-se à sensibilidade, ela “[...] permite que, ao apreender o mundo,

o homem apreenda também o próprio ato de apreensão; permite que, apreendendo, o homem compreenda o ato de apreensão; permite que, apreendendo, o homem compreenda” (OSTROWER, 2010, p. 13).

Em relação à sensibilidade e à Estética, Rios (2010, p. 97) informa que “[...] a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver, no mundo humano. A estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano”. Nesse contexto, Ostrower (2010, p. 5) acrescenta que é “[...] a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades”.

Da criação humana resultam as relações que o indivíduo tem com a sua vivência, ela o representa de alguma forma, para criar ele utiliza de sua subjetividade para expressar o seu potencial; por meio da produção que ele gera, inventa, educa e possibilita a existência de algo. Dessa feita, o indivíduo pode experimentar, segundo Ostrower (2010), uma criação com o agir integrado no viver humano, em que a criação e o viver estão entrelaçados, pois sua natureza criativa o representa em seu contexto.

O processo de criação configura a necessidade para os indivíduos terem a percepção consciente de trazer um sentido significativo e profundo em sua análise (OSTROWER, 2010). No entanto, é preciso considerar a subjetividade humana, que está relacionada ao fato de considerar o outro no momento de criar para atender a uma necessidade demandada. A ação social de indivíduos preocupados em estabelecer um equilíbrio de relação em que todos ganham e criam condições de melhorias das realidades é um ato da dimensão estética. A esse respeito, Rios (2010) aborda a sensibilidade e a criatividade como caminhantes rumo à beleza da chegada ao objetivo em prol o “bem social e coletivo”, o que remete para a dimensão política.

O potencial criador precisa ser visto como uma oportunidade que as pessoas têm de recuperar valores humanísticos, a criatividade como assunto está envolta por sensibilidade do ser humano; nesse aspecto estão presentes os elementos da estética. O ato criador vislumbra dar forma a algo novo, independente da área de atuação dos atores sociais, o que se busca nessa perspectiva é dar coerência às ações realizadas. Está aí a capacidade de compreender

e o seu desdobramento para relacionar, ordenar, configurar e significar o que as pessoas estão dispondo às outras por meio das suas criações (OSTROWER, 2010).

No mundo e nas relações sociais, o homem relaciona eventos que podem ser configurados e ordenados por meio da experiência de vida para estabelecer algum significado. Diante disso, ao executar e compreender os atos individuais feitos diante do outro, indivíduos têm condições de se compreender neles, uma vez que projetam o seu ser e os exteriorizam. Criam quando buscam ordenar e significar ações por meio da motivação humana (OSTROWER, 2010).

No processo de relação e ação humana é possível perceber algumas atitudes de envolvimento para resolver problemas e situações urgentes em conjunto, que por vezes, são ações buscando antecipar com processos mentais as possibilidades para alcançar uma solução eficaz. Nessa oportunidade, indivíduos intencionam, como visto na fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) em que o ato do posicionamento humano aparece nos desejos, avaliações, quando se relacionam com a consciência, com seu próprio ponto de vista de um objeto. Ostrower (2010) menciona ser a existência da mobilização interior para direcionar a um fim determinado, antecedendo até mesmo a sua própria realização concreta. Os indivíduos estariam aí no campo da hipótese, imaginação e ação da mente para dirigir o ato físico em busca de resolver o que estar por vir.

Note que a intencionalidade permite um movimento cognitivo que visa antecipar soluções e situações para criar oportunidades de tomadas de decisões, o que necessita de mobilização da percepção humana; tendo em vista que “[...] a criação se articula principalmente através da sensibilidade” (OSTROWER, 2010, p. 12). Quando o campo sensorial humano está em alerta e a porta está aberta para as sensações, aí é despontada a sensibilidade, que liga indivíduos diretamente ao mundo e seus viventes. A humanidade pode revelar a criatividade por meio do sensível, afirma Ostrower (2010).

Quando percebo o contexto em que estou e passo a agir para mediar os problemas e situações que estão no ambiente que me cerca, estou exercitando a sensibilidade e a estética nas práticas profissionais que tenho. A sensibilidade, segundo Ostrower (2010, p. 12) “Representa uma

abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós”. Nesse sentido, afirmamos que ela torna o bibliotecário dotado de percepções de um fazer para atingir o outro, em uma ação conjunta e política.

Nesse processo de desenvolvimento de ações para o “bem viver” é que focamos para atingir os objetivos da pesquisa<sup>1</sup> em uma busca por informações sobre o termo Estética e esclarecer o que é a Dimensão Estética da CoInfo. Dessa feita, temos com Vitorino e Piantola (2011, p. 103) um olhar voltado para a prática dos indivíduos e assim ousamos afirmar que “A experiência estética está presente em todos os aspectos da vida humana, constituindo-se como fator fundamental na construção da subjetividade e determinante do próprio caráter do homem”.

A CoInfo tem essa contribuição, de possibilitar a emancipação dos indivíduos por meio da habilitação dos que buscam conhecer e aprender ao longo da vida para alcançar esse benefício, bem como outros. Reforçamos a ideia de que as dimensões da CoInfo não podem ser dissociadas, elas estão e precisam estar unidas.

Herwitz (2010, p. 83) corrobora com essa afirmação ao citar que “A estética não é jamais totalmente dissociada da política, dadas as poderosas funções sociais das artes e o modo pelo qual as categorias estéticas são requeridas para a compreensão dessas funções”, assim como a ética e a técnica estão interligadas à política e estética.

Aliar a teoria estética com a CoInfo e a prática profissional do bibliotecário tem força quando se dá pela experiência e pelo vivido por esses atores sociais, uma vez que a “A estética e a experiência abraçam uma a outra. Cada uma é parte da outra, elas se completam, se você preferir” (HERWITZ, 2010, p. 172). Dessa feita, na experiência dos bibliotecários de Bibliotecas Públicas que podemos perceber o aparecimento da estética enquanto sujeitos falantes e declarantes do ponto de vista do que têm eles vivido e experienciado.

A prática adotada por bibliotecários de Bibliotecas Públicas pode ser vista como a arte fundante da obra de vida a ser deixada por esses profissionais. Herwitz (2010, p. 183) salienta que “A prática da arte envolve saber mover-se entre uma série de diferentes pontos de vista, como a

câmera em movimento em um filme”. O modo de ver e agir no mundo são os atributos a ser buscados na obra dos bibliotecários no contexto dessa pesquisa.

Na ação bibliotecária a estética pode ser percebida quando da explicação dos comportamentos afetivos e por meio do sentimento expresso nas falas; essas são características da dimensão estética filosófica (PAULI, [s.d.]), assim como é parte integrante dessa ramificação da filosofia a sensibilidade e nela compreendemos que “[...] o sensível é o ato comum daquele que sente e do que é sentido” (DUFRENNE, 2008, p. 82).

O bibliotecário no desenvolvimento da CoInfo precisa desenvolver habilidades para a percepção (sensível) da realidade que o cerca. A dimensão estética permite o “aparecer” da sensibilidade, ela precisa ser explorada em pesquisas e divulgada com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de práticas estéticas pelos bibliotecários. Nessa perspectiva, Pillotto (2006, p. 27) menciona a importância de “Um olhar mais perceptivo e sensível sobre as pessoas, os objetos, as situações e o ambiente que o cerca pode interferir direta ou indiretamente nas suas ações”.

Ao se preocupar com o outro e com as necessidades desse outro, o bibliotecário pode perceber o que está ao seu redor e buscar conhecer quais as formas de minimizar as dificuldades dos interagentes com relação ao uso dos recursos informacionais. Ele tem a possibilidade de compreender o outro em suas limitações e em sua criatividade de inovação. Enquanto seres sociais apreendem coletivamente.

### 3 CONCLUSÃO

Chegamos nos momentos finais deste trabalho e compartilhamos que foi em Maurice Merleau-Ponty que nós encontramos as informações para afirmar que a fenomenologia possibilita o aparecimento das afirmativas provenientes das atitudes naturais em um mundo já dado e disponível ao esforço de se reencontrar com o contato ingênuo com esse mundo. Assim, tem relação com o espaço e tempo do mundo vivido. Percebemos que é primordial a mudança de atitude do bibliotecário no atendimento ao interagente.

<sup>1</sup> Parte de dissertação.

Destarte, para compor a fundamentação teórico-conceitual do trabalho nós precisamos explicar sobre a fenomenologia e a contribuição de Maurice Merleau-Ponty quanto à percepção de mundo que o bibliotecário de Biblioteca Pública precisa ter diante das experiências profissionais vivenciadas por ele; dessa forma é que as “coisas mesmas” podem ser apresentadas aos que com olhos atentos procuram.

O bibliotecário precisa ser multifacetado e desenvolver competências, habilidades e atitudes fundamentais para lidar com o excesso informacional característico da Sociedade da Informação. É necessário saber e aprender a interagir com o outro que busca ajuda para resolver situações complexas de informação. Há urgência para o bibliotecário ser e manter-se informado, instruído de maneira a aprender continuamente e que outros possam aprender com ele; o que caracteriza reconhecer que se tem necessidade de informação, buscar, selecionar, avaliar, utilizar e produzir uma nova informação ou conhecimento e disseminar algo novo. Todavia, é preciso saber o que se pode fazer com a informação encontrada, ponto central e fundamental para a CoInfo. Por meio do uso consciente e ético da informação é que as ideias podem ser aplicadas para as melhorias em prol do bem-estar social.

Biblioteca Pública é local dito democrático e sem qualquer tipo de restrições para o fornecimento de informações, no entanto, percebemos que o ideal é diferente do real. Os serviços e os produtos neste local, em sua maioria, são pensados e disponibilizados sem estudo de comunidade. Este tipo de estudo precisa ser feito para se conhecer os reais anseios das pessoas que estão na biblioteca e das que estão em volta do prédio. A comunidade precisa ser ouvida para obtenção de dados qualitativos sobre os interesses daqueles que estão fora das quatro paredes. Assim, o bibliotecário pode criar produtos e serviços mais condizentes com a realidade da comunidade. Todos precisam ser ouvidos e contemplados, sem exceções quaisquer.

Esse é o papel da Biblioteca Pública e do bibliotecário na Sociedade da Informação: conhecer e perceber quem são os seus interagentes e o que eles precisam, desejam, anseiam e criar Programas; sendo que um deles deve ser o desenvolvimento de CoInfo, assim

como poderiam ser pensadas novas formas de ser biblioteca e questionar: a Biblioteca Pública continuará a ser vista como o espaço de armazenamento de material físico para informação que ficam à espera de quem os usem? A Biblioteca Pública conseguirá ser instituição considerada importante e fundamental para a promoção da criação e desenvolvimento de novos conhecimentos? Consideramos que é necessário pensar em novos rumos para a Biblioteconomia.

Pela Dimensão Estética da CoInfo o bibliotecário pode buscar harmonia e beleza para suas ações encontrarem condições de bem-viver, deixando seu corpo e os seus sentidos à disposição para perceber e compreender as necessidades do outro que demanda por orientação e informação.

Bibliotecário competente em informação sabe que antes de buscar informação há uma necessidade de informação para algo desconhecido; por causa da lacuna de conhecimento é que se busca informações para contribuir com a resolução de problemas e para a tomada de decisão. Dessa forma, é preciso fazer buscas, seleções, avaliações, usos éticos e geração de novos conhecimentos.

O ideal para a realidade biblioteconômica seria o bibliotecário ter condições de interpretar a Dimensão Estética da CoInfo como sendo: a oportunidade para utilizar os sentidos humanos e perceber o outro e ajudá-lo em seu processo de busca por informação; a aproximação com empatia e o proporcionar de segurança e satisfação durante a permanência no local para o atendimento; a oferta de oportunidade para orientar o interagente e torná-lo independente em suas buscas. Esclarecido disso, ele estará sendo estético.

Veja você que o belo pode ser o bem, que Plotino mencionou. E em situações que evidenciam a busca para atingir harmonia e beleza com o intuito de atingir o ideal de bem viver. Isso é algo belo.

Aprendemos nesse jogo filosófico que o que pode ser evidente nas falas dos interagentes precisa receber o seu reverso, aquilo que não aparece diretamente nos ditos, é onde entramos como jogadores deste jogo e deixamos aparecer o que percebemos também dessa realidade social. Percebemos que Plotino (2012, p. 57) tinha razão “[...] é necessário ver a alma daqueles que realizam as obras belas”. Uma vez que

com eles vivemos e convivemos, nós tentamos dialogar e usar os nossos sentidos para perceber e ver o invisível, pois como bem lembramos, Merleau-Ponty (2003, p. 23, 30) mencionou que “[...] nossos olhos os detém numa única coisa”, naquilo que é essencial e que “[...] chegamos a pensar o invisível do homem como uma coisa”.

Partindo desse pressuposto, algo nos vem à mente. É o que a raposa falou para o Pequeno Príncipe: “Adeus - disse a raposa. - Eis meu segredo. É muito simples: só se vê bem com

o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 84).

Afirmamos que a Dimensão Estética da CoInfo do bibliotecário atuante em Biblioteca Pública precisa ser desenvolvida para que se torne visível aos olhos de todos. No momento, ela é perceptível por olhos bem treinados, pois assim como no segredo deixado pela raposa, só pode ser visto se for sentida pelo coração, pois esta dimensão ainda é invisível aos olhos desatentos.

---

Artigo recebido em 21/06/2016 e aceito para publicação em 19/07/2016

---

**AESTHETIC:  
a dimension of the information literacy  
to be perceived by public library librarian**

**ABSTRACT**

*The Information Society requires the multiple librarian skills, abilities and attitudes to deal with the vast informational universe and the relationship with the interactor. In the exchange of ideas and find solutions to problems with the use of information the public library is a place par excellence for social transformation of the actors of society. It is the librarian as mediator of this informational avalanche, be competent in information and thus assist the interacting using information resources to decision-making. That's what the article versa: in Information Literacy (InfoLit), which is divided into four dimensions - technical; aesthetics; ethics and politics. The aesthetic dimension relates to the science of the beautiful and the awakening of the senses to perceive the Other and their need. This Other is perceived by the target phenomenological theory adopted and inspired by Maurice Merleau-Ponty, who understands the body as a means driver of the effects of the senses. The research was qualitative, focused on human phenomena and their complexity; phenomenological approach because studies the essences of things; and literature, since it used records available texts. The purpose of this article is to explore the term Aesthetics and clarify what is the dimension of Aesthetics of InfoLit.*

**Keywords:** *Information literacy. Aesthetic dimension. Librarian. Public library.*

**REFERÊNCIAS**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, [1970].
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. **Presidential Committee on Information Literacy: final report**. Washington, D. C., 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso: 12 maio 2015.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BARROS, Fernando R. de Moraes. **Estética filosófica para o ensino médio**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. (Coleção práticas docentes, 1).
- BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. Estética. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filô/Estética; 3).
- BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FBN, 2010. (Documentos técnicos; 6).

- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- CAMPELLO, Bernadete. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v.2, n.2, p.63-77, dez. 2006. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18>>. Acesso: 18 ago. 2015.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 41, p. 23-40, set./dez., 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2014v19n41p23/28292>>. Acesso: 15 maio 2015.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?**: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates, 69).
- HERWITZ, Daniel. **Estética**. Porto Alegre: Artmed, 2010. (Coleção conceitos-chave em filosofia).
- HUME, David. Do padrão do gosto. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filô/Estética; 3).
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: POKLADEK, Danuta Dawidowicz (Org.). **A fenomenologia do cuidar**: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004.
- KANT, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filô/Estética; 3).
- LE COADIC, Ives-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LEMOS, Celso. Atualidade do diálogo Hípias Maior, de Platão. **Kléos**, n. 11/12, p. 93-142, 2007/8. Disponível em: <<http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/K11/K11-CelsoLemos.pdf>>. Acesso: 19 set. 2015.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elabora, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011(b).
- MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Compreender).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PAULI, Evaldo. **Estética geral**. Florianópolis, SC: Biblioteca Superior de Cultura, [s.d.].

- PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Gestão e conhecimento sensível na contemporaneidade**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Joinville: UNIVILLE, 2006.
- PLATÃO. **Hípias maior**. Pará: Ed. da Universidade do Pará, 1980.
- PLOTINO. Sobre o belo (Enéada I, 6). In: DUARTE, Rodrigo (Org.). **O belo autônomo: textos clássicos de estética**. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filô/Estética; 3).
- RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução e pós-fácio de Mônica Cristina Corrêa. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- VALVERDE, Monclar. Forma e instituição: experiência estética e sensibilidade histórica em Merleau-Ponty. In: VALVERDE, Monclar (Org.). **Merleau-Ponty em Salvador**. Salvador, BA: Arcádia, 2008.
- VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 40 n. 1, p.99-110, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/1918>>. Acesso: 03 nov. 2013.
- ZINGANO, Marco. **Platão & Aristóteles: os caminhos do conhecimento**. São Paulo: Odysseus, 2002. (Imortais da Ciência).
- ZURKOWSKI, Paul G. **The information services environment: relationships and priorities**. Washington: National Commission on Libraries, 1974. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED100391>>. Acesso: 21 ago. 2015.